

CONSTRUÇÕES DE VOZ EM TÍTULOS DE NOTÍCIAS E EM MANCHETES: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO

Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque (UFG)
Vânia Cristina Casseb-Galvão (UFG/CNPq)

RESUMO: O presente trabalho pretende contribuir para o ensino de língua portuguesa no nível médio com uma análise funcionalista de construções de voz em títulos de notícias e em manchetes de jornais. A partir do trabalho de Bertoque (2010), enfocam-se a organização e a funcionalidade dessas construções. Observa-se que, mesmo com a predominância da construção ativa, como sugerem os manuais de redação jornalística, outras construções se mostraram eficientes para atingir determinados propósitos comunicativos.

PALAVRAS-CHAVE: voz, funcionalismo, ensino, discurso jornalístico.

CONSTRUCTIONS OF VOICE IN TITLES OF NEWS AND IN HEADLINES: A CONTRIBUTION FOR TEACHING

ABSTRACT: This paper aims to contribute to the teaching of Portuguese in high school with an analysis of voice constructions in news titles and newspapers headlines from a functionalist perspective of language. From Bertoque (2010), it focuses on the organization and functionality of these constructions. It is observed that even with the prevalence of active construction, as suggested by the manuals of journalistic writing, other constructions has proved effective to achieve particular communicative purposes.

KEYWORDS: Voice, functionalism, teaching, journalistic discourse.

Introdução

O trabalho de Bertoque (2010), de caráter descritivo-analítico, discorre a respeito da funcionalidade das construções de voz em títulos de notícias e em manchetes de jornais. Os resultados verificados mostraram-se plenamente aplicáveis à prática de ensino de Língua Portuguesa no nível médio, haja vista que, trazem considerações relevantes desse fenômeno linguístico em textos efetivamente atualizados na interação, são dados de uso e de um domínio discursivo extremamente produtivo para o ensino, o discurso jornalístico.

Algumas questões feitas e respondidas por Bertoque (2010), que também podem nortear o ensino de voz, são as seguintes: como a voz é construída no discurso jornalístico, especificamente, nos títulos de notícia e nas manchetes dos jornais consultados? Apesar de os manuais de redação jornalística recomendarem o uso da voz

ativa, essa regra é sempre obedecida? Em que circunstâncias essa recomendação é violada, ou seja, em que circunstâncias a voz ativa não é produtiva para produzir efeitos de sentido específicos?

Os manuais de redação jornalística sugerem que as informações sejam apresentadas na voz ativa por uma questão de economia e de melhor compreensão do Estado de Coisas (EsCo, doravante), do evento no mundo, por parte do leitor-consumidor. Isso porque a voz ativa é a que melhor organiza o EsCo, apresentando o desencadeamento do EsCo em ordem cronológica e perspectiviza, apresenta discursivamente, o evento do acionador do processo para o afetado.

Por isso, pretendemos, a partir de uma concepção funcionalista da linguagem apresentar uma sequência didática envolvendo esse fenômeno. Inicialmente, trazemos uma definição da voz e os tipos de construções de voz identificados no português brasileiro, a seguir, apresentamos o *corpus* de análise, e, finalmente, a sequência didática favorecida pela análise e pelos resultados verificados por Bertoque (2010).

1. Por uma definição de voz

Para melhor esclarecimento a cerca do fenômeno da voz, apresentamos a definição dessa categoria linguística a partir de gramáticos, autores de manuais de ensino de língua portuguesa, teóricos da teoria da enunciação e do funcionalismo.

Nas gramáticas normativas, a voz é apresentada como uma categoria¹ inclusa no verbo, denominada “voz verbal”. Para compreendermos o que é e como é constituída a voz, apresentaremos as concepções mais recorrentes entre os divulgadores do conhecimento gramatical:

Voz é a forma como se apresenta a ação expressa pelo verbo em relação ao sujeito. Essa relação pode ser de atividade, de passividade ou de atividade e passividade ao mesmo tempo. As vozes do verbo são, portanto, três: **ativa**, **passiva** e **reflexiva** [grifos do autor] (CEREJA et. al., 2003, p. 276).

A chamada **voz verbal** indica a relação que se estabelece entre o verbo e o seu sujeito sintático. Existem três vozes verbais: voz ativa

¹ Categorias verbais: modo, tempo, pessoa, número, voz.

[...], voz passiva [...], voz reflexiva [...] [grifos do autor] (ABAURRE et. al., 2003, p.).

As vozes verbais indicam a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo. Podemos ter três situações: a ação é praticada pelo sujeito; a ação é sofrida pelo sujeito; o sujeito ao mesmo tempo pratica e sofre a ação (DE NICOLA, 2005, p.114).

A voz é uma categoria gramatical associada ao verbo e a seu auxiliar, e que indica a relação gramatical entre o verbo, o sujeito ou o agente e o objeto; cada voz se manifesta por flexões verbais específicas (desinências ou prefixos, formas diferentes dos auxiliares, etc. [Sind.: Diátese.]) (DUBOIS, 1973, p. 615).

A voz é concebida comumente como uma categoria verbal expressa pela relação entre o verbo e seu sujeito, considerando-se que este pratica (voz ativa), ou sofre uma ação (voz passiva), ou pratica e sofre uma ação simultaneamente (voz reflexiva). A relação entre sentença ativa e sentença passiva é, tradicionalmente, atrelada à noção de “sujeito” (DIK, 1997, p. 247). Porém, essa é uma concepção simplificada para um fenômeno tão relevante e multifacetado como a “voz”.

Para Givón (1990), o domínio da voz é complexo, multidimensional, que se apresenta de modo variável nas línguas. Camacho (2002), Benveniste (1995) e Dik (1997) trazem concepções que traduzem melhor o que é voz quanto ao seu papel na composição estrutural e discursiva das línguas:

Por voz (*genus verbi, diátese*), entende-se a forma que o predicado verbal assume para representar sua relação com o argumento na função de sujeito (CAMACHO, 2002, p. 227).

A voz, que é a diátese fundamental do sujeito no verbo, denota uma certa atitude do sujeito relativamente ao processo, e por meio dessa atitude esse processo se encontra determinado no seu princípio (BENVENISTE, 1995, p. 185).

Distinções de voz são tratadas em termos de atribuições diferenciais das funções sujeito e objeto na predicação. Em inglês, o predicado é apenas sensível à atribuição do sujeito: se o sujeito é determinado por quaisquer outros argumentos que não sejam o primeiro A1, o predicado deve ser expresso na forma passiva. De outro modo, obtemos a forma ativa do predicado. A regra de expressão especificando a forma do predicado, assim, deve ser feita de modo sensível à atribuição do sujeito (DIK, 1997, p. 320)².

² Voice distinctions are treated in terms of differential assignment of Subj and Obj function to the terms within the predication. In English, the predicate is only sensitive to Subj assignment: if Subj is assigned to

Uma vez que a voz expressa a relação intrínseca entre o verbo e o seu sujeito sintático, ela não se restringe apenas ao domínio sintático, é considerada um fenômeno de interface semântica, sintática e pragmática (DIK, 1997), mais especificamente, é considerada “uma diversidade de valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos, codificados na sintaxe por diferentes tipos de configurações estruturais” (CAMACHO, 2000, p. 215). E mais, ela não é apenas uma categoria do verbo, ela é a maneira como apresentamos o que queremos dizer. Seu escopo é toda a sentença, por isso, tratamos esse fenômeno pelo rótulo “construção” de voz. Essa noção de “construção” é empregada por Perini (2008) nos seguintes termos:

Dadas as frases:

[1] Lucas rasgou o diploma.

[2] Eu lavei as janelas.

[3] Seu filho beliscou aquele menino do 4º período.

Podemos dizer que todas representam uma só construção, que em termos tradicionais seria analisada (falando em termos de funções) como composta de **sujeito** e **predicado**, sendo o predicado formado por **núcleo** mais **objeto direto**; ou então (falando em termos de classes) como composta de **sintagma nominal** mais **sintagma verbal**, sendo o sintagma verbal composto por **verbo** mais (outro) **sintagma nominal**. Como se vê, não há nada de realmente novo nessa noção de construção: a construção, definida em termos esquemáticos (gramaticais) se realiza (ou se **elabora**) em termos de palavras e morfemas particulares, de modo a produzir as bases de um enunciado [grifos do autor] (PERINI, 2008, p. 234-235).

Tratamos da voz como “construção” porque ela não remete apenas ao verbo – predicado – mas à atribuição de sujeito, objeto. Isso incide sobre a transitividade e fornece uma “representação esquemática que se realiza concretamente como um conjunto de frases ou sintagmas” (PERINI, 2008, p. 234). Cada tipo de voz apresenta

any arguments other than the first argument A1, the predicate must be expressed in passive form. Otherwise, we get the active form of the predicate. The expression rules specifying the form of the predicate must thus be made sensitive to Subj assignment (DIK, 1997, p. 320).

uma construção e é a partir desse pressuposto que, na análise dos dados, as organizaremos segundo as similaridades de cada construção de voz.

A voz é a representação de um EsCo pelo ponto vista do enunciador, tem uma função semântico-pragmática (DIK, 1997), expressa a relação intrínseca entre o verbo e o seu sujeito sintático e é determinada pela posição do sujeito em relação ao processo descrito pelo verbo. Givón (1990) e Camacho (2000; 2002) atribuem à voz uma gama extensa de valores e de possibilidades de expressão, que se fundamentam em três principais domínios funcionais: a *topicalidade*, a *impessoalidade*, e a *detransitividade*. Esses fatores serão tratados na seção 4, na medida em que for pertinente para o entendimento dos usos em evidência.

2. Tipos de construção de voz em português

Tradicionalmente, a “voz verbal” é classificada em três tipos: ativa, passiva e reflexiva. Essa categorização é um tanto simplificada, porque se trata de uma abordagem geral e iniciante para a compreensão desse fenômeno linguístico.

A discussão é muito mais ampla do que falar em “praticar” ou “sofrer” uma ação. Conforme Dik (1997), o EsCo pode ser ação, mas também pode ser processo, posição ou estado, o que é determinado, entre outros parâmetros, pelas funções semânticas. A tipologia de EsCo se liga à atribuição de sujeito e de objeto, o que aponta para as construções de voz e para sua função principal, a representação da perspectivização do EsCo.

Consideramos para este trabalho, os subtipos de construções de voz verificados por Camacho (2000, 2002), por se tratar do estudioso mais experimentado na análise da voz no PB. Ele distingue cinco subtipos de organização da voz na língua falada no Brasil: ativa, média, impessoal, passiva, adjetival.

Trataremos de cada uma delas, na sequência didática apresentada em 4.

3. Corpus de análise

Para compor o *corpus*, foi selecionado o gênero “título de notícia” e o gênero “manchete” porque, dos diversos gêneros do discurso encontrados nos jornais, o título, juntamente com as imagens, constitui excelente estratégia argumentativa para alcançar o leitor-consumidor. Os textos das notícias que os títulos integram serão usados para compreensão das ideias divulgadas nesses títulos.

Além do desejo de ser informativo, segundo se pode depreender dos manuais de redação jornalística, a elaboração dos títulos precisa contribuir para a manutenção de uma empresa no mercado. Nas poucas palavras que constituem os títulos, os jornais devem “convencer” o seu cliente a comprar um jornal.

Os jornais selecionados foram “Folha Online” e “O Popular”, em versões impressas e *on-line*³, edições publicadas entre maio de 2008 e maio de 2009. A escolha do jornal “Folha Online” se deu em razão do alcance nacional e do jornal “O Popular” por causa do alcance regional. A ideia é a de que, como formadores de opinião, esses jornais aproximam-se de ou refletem um modo de organização discursiva que alcance os leitores.

“A Folha de São Paulo”, grupo a que pertence a “Folha Online”, disponibiliza via *internet* notícias nacionais e internacionais, subsidiando-se, principalmente, em cinco agências mundiais de notícia: a *United Press Internacional* (UPI), a *France Press* (AFP), a *Reuters* (R), a *Associated Press* (AP) e a TASS (*Telegrafnoie Agegentstvo Sovietskogo Soyuz*). O jornal “O Popular” é regional com sede em Goiânia-GO. Na versão *on-line*, o acesso é restrito aos assinantes. É um dos jornais mais importantes e populares da região Centro-Oeste do Brasil e, apesar de trazer notícias internacionais e nacionais, também vindas das agências internacionais citadas anteriormente, tem como foco as notícias de Goiás e Distrito Federal.

Os manuais de suporte de “O Popular” e da “Folha Online” são, respectivamente: “Estadão” e “Novo Manual de Redação” da Folha.

Analisamos as diferentes construções de voz (ativa, média, impessoal, passiva e adjetival) e sua funcionalidade para a expressão comunicativa dos usuários da língua no

³ No título de nosso trabalho “A funcionalidade de construções de voz em títulos de notícia e em manchetes de jornais impressos” apresentamos nossa proposta de análise em materiais impressos, considerando. O termo “impressos” está sendo usado no sentido de “escritos”, independentemente do veículo de divulgação (jornal impresso ou jornal *on-line*) porque ambos seguem a mesma estruturação.

âmbito do discurso jornalístico. Na análise, consideramos, também, as características estruturais e discursivas dos gêneros título de notícia e manchete.

4. Uma sequência didática a respeito do fenômeno da voz em títulos de notícias e em manchetes de jornais

Apresentaremos a organização e a funcionalidade das construções de voz nos títulos de notícia e nas manchetes, subsidiados, em alguns momentos, pelas notícias. Em especial, relacionaremos a frequência à fuga da recomendação dos manuais de redação jornalística quanto à elaboração de títulos na voz ativa. E, por fim, mostraremos os efeitos de sentidos, produzidos pelo uso das construções ativa, passiva, média clítica e média não clítica, adjetival. Apresentaremos também considerações a respeito dos efeitos de sentido no uso alternante entre média não clítica e média não clítica ergativa.

A ordem de apresentação das construções de voz segue a ordem decrescente de frequência nos jornais.

4.1. Voz ativa

Forma estrutural prototípica no PB: S (Ag) + V (ação) + O (Go – Alvo/Paciente)

Forma estrutural prototípica nos jornais analisados: S (Ag) + V (ação) + O (Pac)

A organização de voz mais recorrente nos dados analisados foi a ativa. Na construção ativa, a atribuição tópica é dada ao agente e, por isso, os verbos são dinâmicos.

- (1) *Exército paquistanês* (SujAg - Top) **mata** 50 *talebans* (ObjPac) *em ofensiva* (Ref)
("Folha Online", 29/04/2009) [título de notícia].

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

Semanticamente, "matar" é um verbo dinâmico de ação que exige um participante causativo. Em (1), a predicação apresenta alta transitividade: dois participantes; verbo de ação, não-perfectivo e não-pontual; sujeito intencional e agentivo; oração afirmativa; modo *realis*; objeto paciente e individuado.

Segundo Neves (2000, p.28), “entre os **verbos transitivos**, aqueles cujo complemento, ou **objeto**, é **paciente** de mudança são os **transitivos considerados prototípicos**” [grifos da autora]. O verbo “matar” exige um sujeito agente e um complemento afetado (Pac) para compor a estrutura argumental.

Numa construção de voz ativa prototípica no PB, o grau de transitividade seria alto porque o verbo seria perfectivo [+ tel] e pontual. No exemplo, no entanto, o verbo no presente não somente produz um efeito de ação não acabada, como leva à atualização do EsCo, e, por isso, o processo é um pouco menos transitivo em relação à ativa prototípica.

As funções semânticas de sujeito e objeto são, respectivamente, de agente (Ag) e paciente (Pac), caracterizando o EsCo como *atividade* [+ dinâmico / + controle. / - télico]. Quanto à impessoalidade, a construção ativa prototípica é menos impessoal porque o referente, que é o sujeito (Ag), é identificável.

O fluxo de atenção (relevância), que se dá da esquerda para a direita, apresenta a ordem sequencial do acontecimento. É o sujeito que especifica o ponto de vista de um EsCo (DIK, 1997). Em (1), o sujeito é “Exército paquistanês”, que tem função pragmática de tópico (Top) porque é o elemento sobre o qual se diz algo. Semanticamente, ele é agente (Ag), pois o predicado “matar” exige uma entidade controladora do evento.

Em nossos dados, percebemos que, quando o (Ag) “mata” mais de uma pessoa, fato caracterizado como atentado ou ação militar, é comum que ele venha como sujeito, como em (2).

- (2) *PMs* (SujAg - Top) **matam** *inocentes* (ObjPac) (“O Popular”, 22/07/2008) [título de notícia].

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

Isso também é comum com o verbo “ferir”:

- (3) *Atirador* (SujAg - Top) **feriu** *3* (ObjPac) *em universidade em Phoenix* (Loc); *suspeito é preso* (“Folha Online”, 25/07/2008) [título de notícia].

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

Quando se trata do assassinato de uma pessoa apenas, a tendência é de se topicalizar o paciente (4) e alterar o verbo de “matar” para “assassinar”, numa construção passiva, “é assassinado”, muitas vezes, omitindo-se o agente.

- (4) *Turista* (SujPac - Top) **é assassinado** durante briga em Itanhaém (SP) (ObjLoc)
 (“Folha Online”, 26/02/2009) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Quando, no título da notícia, o jornal opta por manter o verbo “matar”, na construção passiva, o agente também é omitido e, na notícia, o verbo é trocado por “assassinar”, como em (5):

- (5) *Boadyr Veloso* (SujPac - Top) **é morto** ("O Popular", 29/05/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

O ex-prefeito da cidade de Goiás Boadyr Veloso foi assassinado com três tiros, ontem por volta de 22 horas, em viela da Rua 7, entre a 3 e a Avenida Anhanguera, no Centro. No local, funcionam casas de jogos [fragmento da notícia].

EsCo: Mudança [+tel], Processo [-cont], Evento [+din]

As motivações pragmáticas para tal situação de uso podem ser: (i) pelo fato de o agente não ser conhecido ou reconhecido, até o momento da divulgação da informação, a melhor opção, então, é suprimi-lo (GIVÓN, 1990); (ii) como o paciente é definido e se trata de apenas uma pessoa, ao topicalizá-lo, o jornal dá espaço para falar mais dele e, ao destacar o perfil social da vítima, tem um chamariz para sensibilizar e envolver o leitor; (iii) de igual modo, em caso de assassinatos de pessoas que têm reconhecimento nacional ou mundial (líderes de Estado, celebridades, etc.), topicalizar a vítima é ainda mais chamativo e, portanto, mais lucrativo.

O que determina as escolhas do jornal está fundamentado em sua meta: vender informações. Por isso, suas escolhas apoiam-se no princípio de Tópico Dado (TD), e Tópico Novo (TN) (DIK, 1997). TD é a informação já internalizada por um indivíduo, enquanto, TN é a informação nova que, se não encontra ligação (âncora) na informação

dada, há um rompimento do princípio básico da linguagem, a interação. O jornal faz as escolhas tópicas de maneira que atinja a sua meta. Assim, os tópicos são escolhidos de acordo com o grau de “conhecimento” ou “reconhecimento” do leitor-consumidor a respeito deles. Quando não há essa ligação, parece que os jornais optam pela sensibilização do público apresentando a “história de vida” da vítima.

Quando o agente dos verbos “matar” e “ferir” é uma entidade não controladora do evento, mas instigadora do processo, a ele é atribuída à função semântica força (Fo). Verbos como “destruir”, “derrubar” e todos os outros que se referem às ações iniciadas por elementos naturais como chuvas, raios, furacões, terremotos, erupções, etc., também apresentam a função semântica de sujeito como (Fo). Essas propriedades caracterizam o EsCo como *processo* e o acabamento do processo (telicidade) mostrará se é um processo caracterizado como *dinamismo* ou *mudança*.

- (6) *Chuva e vento forte* (SujFo - Top) **destroem** ("O Popular", 21/09/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Outra recorrência na construção ativa é a substituição de entidades animadas, controladoras do evento pelo acontecimento em si quando: (i) se percebe que a entidade da qual parte o processo não tinha a intenção (controle) de provocar o processo como nos casos de epidemias e de acidentes por falha humana ou mecânica (incêndios, batida de carros, queda de aviões, etc.), como em (7); ou (ii) se a entidade é uma organização criminosa (terroristas, máfias, etc.), como em (8).

- (7) *Acidentes* (SujFo - Top) **matam** 14 (ObjPac) *no fim de semana* (Temp) (“O Popular”, 18/05/2009) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

- (8) *Explosão perto de embaixada* (SujFo - Top) **mata** 6 (ObjPac) *e* (SujFo - Top) **ferre** *brasileira* (ObjPac) *no Paquistão* (Loc) (“Folha Online”, 02/06/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Em (8), alguém preparou e colocou o explosivo perto da embaixada, sendo, portanto, o responsável pelo evento, mas, diante do desconhecimento da entidade agentiva, é recorrente a omissão do responsável humano e o uso do acontecimento como sujeito agentivo, o que não deixa de ser o agente-causativo da ação, pois a morte foi provocada pela explosão.

4.2. Voz passiva

Forma estrutural prototípica no PB: S (Pac) + [aux + particípio]_{SV}

Forma estrutural prototípica nos jornais analisados: S (Pac) + [aux + particípio]_{SV} + O (Locativo)

Antes de apresentarmos as análises das construções em voz passiva, cabe distinguir “passividade”, como evento do mundo extralinguístico, e “construção passiva”, fenômeno linguístico, gramatical. A passividade é um substantivo, que caracteriza a natureza, o estado ou a qualidade do que é passivo (adjetivo): 1. “Que sofre ou recebe uma ação ou impressão. 2. Que não age, nem reage; indiferente; inerte” (MICHAELIS, 1998). Numa oração, a passividade se refere especificamente a aspectos semânticos, enquanto a “construção de voz passiva”, mesmo sendo entendida na inter-relação entre os domínios pragmático, semântico e sintático, refere-se aos aspectos sintático-semânticos em que a construção apresenta, recorrentemente, Suj (Pac) + [aux + particípio]_{SV}, como em (9).

- (9) *Adolescente* (SujPac - Top) **é agredido** por *skinheads* (ObjSo) *na zona leste de SP* (Loc) (“Folha Online”, 25/02/2009) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Em (9), há uma construção passiva, o que não implica que o paciente (Pac) tenha sido passivo enquanto fora agredido, ele pode ou não ter reagido ativamente para atacar ou se defender. Observe os esquemas abaixo, considerando que X e Y são entidades humanas, portanto, mais animadas, mais definidas, mais concretas:

- (10) a) X *é agredido* por Y (em que Y pode ser suprimido ou não).

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

b) *Y agride X.*

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

c) *Y bate em X.*

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

d) *X apanha de Y.*

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Em (10a), há uma construção passiva, enquanto em (10b), (10c), (10d), há construções ativas. Em todos os casos, X é passivo porque sofre a ação. Assim como ocorreu em (9), em (10a) pode haver um argumento sintático afetado que tenha sido passivo, que não se defendeu, ou não, que tenha se defendido, o que se aplica, também, às construções ativas (10b), (10c) e (10d).

Assim, a passividade é a expressão de algo ou alguém passivo numa realidade extralinguística, enquanto a construção passiva é a representação linguística de um EsCo, representação esta que apresenta a circunstância a partir do ponto de vista do argumento afetado pelo processo verbal, salientando o fato.

A construção passiva caracteriza-se pela presença de um paciente tópico, um verbo auxiliar mais um verbo participial e um agente não tópico. No entanto, a forma prototípica do PB caracteriza-se pela supressão do agente (CAMACHO, 2002). Segundo Givón (1990), na construção passiva, o fato de se suprimir o agente e topicalizar o paciente/afetado dá saliência à ação ou ao processo.

As manchetes abaixo foram extraídas do jornal “Folha Online” e, por se tratar de um jornal *on-line*, as alterações são feitas a todo tempo e muitos acontecimentos são divulgados, várias vezes ao dia, de acordo com a progressão das informações obtidas pelo jornal. A manchete (11) foi divulgada às 6h53, enquanto a (12), às 10h09.

(11) *Presidente da Guiné-Bissau (SujPac - Top) é assassinado* (“Folha Online”, 02/03/2009) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

- (12) *Presidente da Guiné-Bissau* (SujPac - Top) **é assassinado por soldados** (ObjSo)
("Folha Online", 02/03/2009) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Em (11), há a supressão do agente, enquanto em (12), que se trata da mesma informação, o elemento agentivo está presente. Para compreender essa mudança, recorreremos às notícias que esses títulos introduzem:

Presidente da Guiné-Bissau é assassinado ("Folha Online", 02/03/2009 - 6h53) [título de notícia].

O presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, morreu na manhã desta segunda-feira em uma ação militar, horas depois de um atentado que matou o chefe do Estado-Maior do país.

"O Exército matou o presidente Vieira quando ele tentava fugir da casa dele, atacada por um grupo de militares ligados ao comandante do Estado-Maior, Tagmeh Na Waieh", afirmou o chefe militar de Relações Exteriores, Zamura Induta.

"Era um dos principais responsáveis pela morte de Tagmeh", acrescentou.

"Agora, o país vai avançar. Este homem bloqueava tudo neste pequeno país", completou o oficial.

João Bernardo Vieira (conhecido como "Nino"), de 69 anos, passou praticamente 23 anos à frente da Guiné-Bissau. Foi reeleito para a presidência deste país do oeste da África em 2005, nove anos depois do fim de uma guerra civil (que durou 11 meses) que o expulsara do poder.

O chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, o general Tagmeh Na Waieh, morreu no domingo em um atentado com bomba contra o quartel-general do Exército.

Segundo uma testemunha entrevistada pela France Presse, a residência privada do presidente foi saqueada.

"Vimos militares retirando tudo o que havia dentro da residência privada do presidente, seus bens pessoais, seus móveis, tudo", afirmou a testemunha.

Em 23 de novembro, um grupo militar já havia atacado a residência de Vieira, em uma ação que matou dois seguranças. [notícia]

A equipe do jornal já tinha informações extra-oficiais de que o presidente havia sido assassinado por soldados, mas, para não deixar de dar a notícia "fresca" nem se comprometer, optou por omitir o agente no título e descrever citações na notícia. Assim, nesse caso, a voz ativa não seria produtiva, pois seria necessário apresentar o agente, e o jornal não poderia se comprometer, afirmando que "os soldados" o haviam matado. A citação da voz de terceiros também é um recurso utilizado pelo jornal para não se comprometer ao mesmo tempo em que atribui credibilidade ao que veicula. O texto é marcado por verbos de elocução, indicativos de atos de fala, como "afirmar",

“acrescentar”, “completar”, e por outras expressões evidenciais lexicais, indicadoras da fonte das informações, como “segundo uma testemunha”.

Outra “jogada” do jornal diz respeito à escolha dos verbos para compor o título e a notícia. O título da notícia é apresentado com o verbo “assassinar”,

*Presidente da Guiné-Bissau é **assassinado**.*

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

no corpo da notícia, entretanto, usou-se o verbo “morrer”,

*O presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, **morreu** na manhã desta segunda-feira em uma ação militar.*

EsCo: Estado [-cont], Situação [-din]

O uso de dois verbos semanticamente distintos, mas que apontam para o mesmo resultado, a morte, mostra uma estratégia interessante de divulgação da notícia e de preservação da face do locutor.

“Assassinar” implica uma entidade de quem parte o processo, mas que está fora do processo. É um verbo com alta transitividade, que exige dois participantes para ocorrer a transferência (da vida para a morte). “Morrer”, por outro lado, implica uma entidade de quem parte o processo e que faz parte do processo. Para não se comprometer, o jornal “chama” o leitor-consumidor por meio da manchete apresentando um “assassinato”, mas ao descrever os fatos, suaviza com o verbo “morrer”, caso não seja comprovado que o afetado fora assassinado.

Em (12), a mesma notícia é apresentada com informações mais precisas, pontuais:

(12) *Presidente da Guiné-Bissau é **assassinado** por soldados* (“Folha Online”, 02/03/2009 - 10h09) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

*O presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, **foi assassinado** nesta segunda-feira por soldados, horas depois do chefe do Exército do país, Na Wai, ser morto em atentado a bomba, na noite deste domingo (1º), em aparente golpe de Estado* [fragmento da notícia].

EsCo: Mudança [+tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Em (12), já havia se passado um pouco mais de três horas que a primeira notícia fora apresentada. Nota-se que a articulação e apresentação da notícia estão mais assertivas. Na segunda manchete, parece que o jornal já tem certeza de que foram “os soldados” que assassinaram o presidente e, nesse caso, a supressão não parece produtiva porque: (i) antes, o jornal já havia noticiado que ele fora assassinado, sendo necessária a apresentação de uma informação nova; e (ii) porque não é “qualquer um” que mata um presidente, o leitor-consumidor, talvez, precise dessa informação para aguçar a leitura quanto à causa da morte.

Em ambos os jornais, percebemos que a voz ativa é predominante. Entretanto, o que nos chamou a atenção é a presença considerável da voz passiva, uma vez que a norma jornalística orienta que a construção *aux + participio* deve ser evitada (ERBOLATO, 2004). Nos dois jornais, a construção passiva foi a segunda ocorrência mais encontrada.

Por isso, questionamos, por que a fuga à recomendação dos manuais e o uso de uma construção oposta à ativa? Por que a voz ativa não é produtiva para as construções dos títulos de notícias abaixo, por exemplo? Essas perguntas, na verdade, explicitam os principais questionamentos que levaram ao desenvolvimento deste trabalho, haja vista que um de nossos objetivos principais era discutir a voz como uma interface semântica, sintática e pragmática.

(13) *Professor* (SujPac - Top) *que abusou de 39 meninas* (Ref) *é executado na China* (ObjLoc) (“Folha Online”, 12/09/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

(14) *De 9 mil comissionados, 281* (SujPac - Top) *serão demitidos por nepotismo* (ObjRef) (“O Popular”, 09/10/2008) [manchete].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

(15) *Câmara* (SujGo - Top) *é depredada no Maranhão* (ObjLoc) (“O Popular”, 09/10/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

A voz ativa, nos títulos de notícia e nas manchetes analisados, é usada para representar todo tipo de acontecimento positivo ou negativo, seja sobre questões políticas, comerciais, esportivas, policiais, etc. No entanto, a voz passiva, ainda que se realize para representar todo tipo de acontecimento, teve maior recorrência nos acontecimentos negativos. Dos 33 títulos de notícia na forma passiva encontrados no jornal “Folha Online”, apenas 3 referiam-se a acontecimentos positivos. Dos 45 títulos de notícia e manchetes, encontrados no jornal “O Popular”, apenas 8 referiam-se a acontecimentos positivos. A maioria das construções passivas tratava de EsCo negativos. Isso levou-nos a um questionamento mais específico: Por que a construção passiva é mais produtiva para os acontecimentos negativos?

Percebemos que a construção passiva tem um elemento muito importante na perspectivização. Ela permite a topicalização do paciente (vítima), a supressão do agente e dá saliência ao fato. É comum em muitas línguas, como percebemos em português, a demissão do elemento agentivo na construção passiva (GIVÓN, 1990).

Segundo Givón (1990, p. 567-568), há algumas motivações que levam a essa supressão. Os dados foram observados considerando-se as motivações discursivas para isso:

(a) O agente não é conhecido

Essa motivação tem recorrência maior nas manchetes de homicídios, roubos e furtos. Pelo fato de a notícia ser divulgada antes que a polícia tenha encontrado os responsáveis pelos crimes, há uma grande recorrência da supressão do agente.

(16) *Líder de partido da oposição (SujPac – Top) é morto na Colômbia (ObjLoc)* (“Folha Online”, 07/11/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

(b) O agente pode ser cataforicamente dado

Para Givón (1990), o segundo maior domínio funcional da construção passiva é uma predicação consequente da primeira. As relações entre as orações podem ser: *parataxe*, que se caracteriza como a relação de independência; *hipotaxe*, que consiste na relação de interdependência; e *subordinação*, que é a relação de dependência entre orações. Quando se trata de aspectos discursivo-pragmáticos, as orações são vistas

como uma conectividade textual. “A dependência funcional, a conectividade, a coerência e também a integração sintática de uma oração *vis-à-vis*, seu contexto oracional no discurso é apenas uma questão de grau” (GIVÓN, 1990, p. 848)⁴. Os títulos vêm antes de qualquer outro elemento textual e, por isso, a relação de interdependência se dá cataforicamente, na própria notícia.

(17) *Retrato do amante de Francis Bacon* (SujGo - Top) **é leilado em Londres** (ObjLoc) (“Folha Online”, 01/07/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Um retrato feito por Francis Bacon de seu amante, Georges Dyer, que se suicidou em um hotel de Paris em 1971, foi vendido hoje (1º) por 17,3 milhões de euros (cerca de R\$ 44 milhões). A informação foi confirmada pela casa Sotheby's, em Londres, que realizou o leilão [fragmento da notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Apesar de o jornal ter conhecimento do agente desse EsCo, é evidente a opção de apresentá-lo apenas na notícia. Para o jornal, mais relevante do que mostrar “quem leilou” é mostrar “onde se leilou”, por isso, a presença do locativo (em Londres) no título, auxiliando na composição do quadro de importância do evento noticiado.

(c) O agente pode ser genericamente predicável ou estereotípico

Nesse caso, o agente é genérico. Há o consenso de que quem deveria punir os policiais militares (PMs) é o órgão que os coordena, encarregado pelo Estado:

(18) *Maioria de PMs* (SujPac - Top) **não é punida por execuções** (ObjRef) (“O Popular”, 21/09/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

(d) O agente pode ser universal, não específico

Em (19), é fácil inferir que o “Brasil” foi vaiado por torcedores.

(19) *Brasil* (SujGo) **é vaiado no emPace com lanterna** (ObjRef) (“O Popular”, 11/09/2008) [título de notícia].

⁴ “The functional dependency, connectivity, coherence, and thus also syntactic integration, of a clause vis-a-vis its clausal context in coherent discourse is only a matter of degree” (GIVÓN, 1990, p. 848).

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

(e) O agente pode não ser importante no discurso

Há casos em que é possível inferir quem é o agente por causa das convenções sociais que estabelecem quem prende, quem detecta epidemias, etc. E mais, essa supressão aponta também para a proeminência social do paciente ou argumento afetado.

(20) *Presidente da Assembléia do MT* (SujPac – Top) *é afastado* (“Folha Online”, 05/04/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

(f) A demissão do agente pode ocorrer por outras razões de natureza pessoal, interpessoal ou social

Os exemplos citados em (a), em (c) e em (d) se encaixam nessa observação. O motivo de o jornal omitir o agente repousa nas convenções sociais de órgãos ou repartições jornalísticas de não se comprometerem com informações não confirmadas. Outro motivo é que, quando o agente é conhecido, pode acontecer de convenções sociais exigirem que ele seja omitido do título da notícia ou da manchete e instaurado no corpo da notícia.

(21) *Crivella* (SujPac) *é hostilizado por eleitor* (ObjSo); *candidato quer retomar Cimento Social na Providência* (sic.) (“Folha Online”, 21/07/2008) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Quanto à impessoalidade, a passiva é menos impessoal já que, prototipicamente, apresenta um referente identificável, o argumento paciente/afetado.

4.2.1. Redução da construção passiva

Nos títulos de notícia (22) e (23), encontramos o mesmo fato noticiado pelos dois jornais, “Folha Online” e “O Popular”:

(22) *Meio-irmão de Obama* (SujPac - Top) **é preso no Quênia** (ObjLoc) *sob acusação de portar maconha* (Ref) (“Folha Online”, 31/01/2009) [título de notícia].

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

(23) *Irmão de Obama* (SujPac) **preso** por porte de drogas (ObjRef) (“O Popular”, 01/02/2009) [título de notícia].

EsCo: Mudança [+tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Essas duas construções não seriam produtivas na voz ativa porque a ênfase seria dada ao agente, Mutembei Agostinho, policial responsável pela prisão. Nesse caso, a perspectivização do agente em 1º plano não contribui para o aumento da capacidade de venda do jornal, não é uma boa estratégia de *marketing*. Topicalizar o irmão de Obama é a melhor maneira de vender a notícia, pois, o fato acontece justamente dez dias após a posse de Barack Obama como presidente dos EUA, quando “quase” tudo o que se noticiava (e interessava) era referente ao líder estadunidense.

Pelas mesmas razões, não seria funcional mostrar o nome do irmão de Obama, George Obama, pois o tópico dado deve ser um referente conhecido. Não é produtivo (vendável) dizer:

(24) a) *George Obama é preso*.

EsCo: Dinamismo [-tel], Processo [-cont], Evento [+din]

ainda que alguns interlocutores façam a correlação entre os sobrenomes de Barack Obama e George Obama. Muito menos produtivo seria dizer:

b) *Mutembei Agostinho prende George Obama*.

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

Essa notícia só poderia ser produtiva, portanto, vendável, sedutora, impactante na construção passiva, com o paciente sendo apresentado como o “irmão de Obama” ou o “meio-irmão de Obama”.

Os títulos (22) e (23) apresentam alteração da perspectiva em relação à construção ativa correspondente e alteração da transitividade. No entanto, entre si,

também apresentam diferenças consideráveis quanto à estrutura sintático-semântica e à tipologia de EsCo.

Em (22), há referência ao local do acontecimento. Essa característica foi perceptível não apenas nas construções passivas, mas também nas demais construções. Devido ao fato de o jornal “Folha Online” ter uma circulação nacional e internacional, comumente, apresenta a referência locativa nos títulos das notícias. Já o jornal “O Popular”, de circulação mais restrita, regional, não se preocupa em mostrar no título essa referência. Esse dado é, comumente, apresentado apenas na notícia.

Em (23), a construção passiva foi reduzida, removendo-se o auxiliar. A construção passiva reduzida, nos títulos de notícia e nas manchetes, ocorre como um mecanismo de “enxugamento” textual e, de certa forma, se aproxima extensionalmente da construção ativa.

Em ambos os jornais, a notícia da prisão do irmão (ou meio-irmão) de Obama pode ser caracterizada como um EsCo *processo*. Mas, o tipo do processo é distinto por causa da noção de temporalidade. Em (22), o auxiliar no tempo presente dá ideia de um processo não acabado, por isso, EsCo *dinamismo*. Na construção (23), em que se constata a supressão do auxiliar, o leitor faz o exercício de referenciação temporal adequado em relação ao momento do evento (“foi preso”) porque o sistema conceptual humano reconhece que a maioria das informações dos jornais refere-se a acontecimentos passados, portanto, EsCo *mudança*.

Outra constatação é que a construção passiva reduzida tem considerável recorrência na forma ergativa. Em (25), em lugar de “é sepultada”, o título da notícia apresenta “sepultada”. Das 16 construções passivas reduzidas, 7 eram construções ergativas.

(25) ***Sepultada*** goiana (SujPac) morta em rodeio (ObjLoc) (“O Popular”, 25/05/2009)
[título da notícia].

EsCo: Mudança [+tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Andrea Paola Machado de Carvalho, de 19 anos, que morreu pisoteada após tumulto em rodeio de Jaguariúna (SP), foi sepultada em Goiânia. A tragédia causou outras três mortes [fragmento da notícia].

EsCo: Mudança [+tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Em (26), apresentamos um exemplo de passiva reduzida sem posposição do sujeito ao verbo. No lugar de “é multada”, o título da notícia apresenta “multada”:

(26) *Empresa (SujGo) multada em 10 milhões por mau cheiro (ObjRef) (“O Popular”, 30/08/2008) [título da notícia].*

EsCo: Mudança [+tel], Processo [-cont], Evento [+din]

A Unilever, indústria de alimentos e de produtos de higiene e beleza, localizada na região norte da cidade, foi multada pela Agência Municipal de Meio Ambiente (Amma) em R\$ 10 milhões por crime de poluição atmosférica. Falha no sistema de tratamento de efluentes (resíduos industriais) da empresa é apontada como responsável pelo mau cheiro que atingiu a população de pelo menos 25 bairros de Goiânia [fragmento da notícia].

EsCo: Mudança [+tel], Processo [-cont], Evento [+din]

Embora haja a supressão no título, percebemos que, na notícia, a construção passiva aparece com o SV completo. No jornal “O Popular”, a construção passiva com a supressão do auxiliar tem recorrência significativa. Das 45 construções passivas encontradas, 16 não apresentaram o auxiliar. Já no jornal “Folha Online”, não encontramos nenhuma construção passiva reduzida.

4.3. Voz média

4.3.1. Voz média clítica

Forma estrutural prototípica no PB: S (Ag/Proc) (se) + V (ação) +O (Instr)

Forma estrutural prototípica nos jornais analisados: S (Ag/Proc) (se) + V (ação) + O (Locativo)

Quanto à voz média clítica, encontramos uma porcentagem pequena, no jornal “O Popular” (3,75%, equivalente a seis títulos) e uma quantidade um pouco maior na “Folha Online” (10,625% equivalente e 17 títulos).

A construção média clítica ocorre com verbos que exigem o clítico “se”, pronome este que tem natureza fórica, ou seja, “ele é um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer **referência pessoal**” [grifos do autor] (NEVES, 2000, p. 449). Essa referência é ao argumento que aciona o processo: o agente é, também, processado (Proc) na ação ou atividade. Nos títulos de notícia abaixo, há construções médias clíticas:

(27) *Centenas de pessoas* (SujAg/Proc – Top) **se envolvem** em conflito com a polícia (ObjRef) *na China* (Loc) (“Folha Online”, 08/11/2008) [título de notícia].

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

Em (27), parece que temos uma motivação ideológica para a escolha da construção de voz. Quando uma manchete ou título de notícia se refere a um confronto entre polícia e manifestantes, é recorrente o uso de verbos como “enfrentar”, “confrontar”, “agredir”, “expulsar”, “bater”. Pelo fato de vivermos numa sociedade hierárquica que determina e é determinada pelo discurso, o verbo “envolver” pode ter sido usado para não gerar um conflito diplomático, para ser politicamente correto, por se tratar da China, um governo autoritário. O uso do verbo “envolver” pode, também, ser um recurso para mostrar uma quebra de expectativa, pela audácia dos manifestantes em enfrentar um governo tão duro. O fato de o primeiro argumento ser “centenas de pessoas” já mostra um relevo, uma topicalização, mas não no sentido de promover a imagem das “centenas de pessoas”. Na construção média, o ponto de vista apresentado é o fato de que elas envolveram a si mesmas num conflito com a polícia: essas centenas de pessoas são as causadoras, mas, sobretudo, as iniciadoras do processo.

Um exemplo de construção média clítica, muito noticiada pelos jornais, se dá com o uso do verbo “suicidar” (28).

(28) *Homem mata mulher e se* (SujAg/Proc - Top) **suicida** na zona oeste de SP (ObjLoc) (“Folha Online”, 24/08/2008) [título de notícia].

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

De acordo com a norma culta, “suicidar” sempre deve vir acompanhado pelo pronome clítico, pois, “quem suicida mata a si mesmo”. Na verdade, parece haver uma redundância semântica, porque “suicídio” já significa “matar a **si** mesmo” o que descartaria o clítico. Retomando a proposta de Benveniste (1995), se considerarmos que a voz média tem como característica um sujeito de quem parte o processo e ele mesmo se insere nesse processo, talvez não seja incoerente usar o verbo “suicidar” sem o clítico, uso recorrente no PB. Isso acontece porque o clítico “se”, ligado a um verbo transitivo, nem sempre mostra um caso reflexivo, a forma não é monofuncional, ela pode executar várias funções dentro do sistema (NEVES, 2006, p. 67). Não é redundante lembrar que alguns autores tratam a média clítica como a voz reflexiva prototípica.

Já a presença do clítico, junto a um verbo como “casar”, por exemplo, traz diferença significativa na apresentação do EsCo. O verbo “casar”, quando significa o “ato de duas pessoas afirmarem um compromisso, um acordo”, pelo padrão normativo, requer o uso do clítico; quando significa o “ato de alguém realizar um casamento” (juiz, pastor, padre, rabino, ou outra autoridade religiosa), não requer o clítico. Assim, o “se”, anteposto ou posposto ao verbo “casar” para indicar um compromisso firmado por duas pessoas, não significa que ambas “casaram a si mesmas”, mas que estão inseridas no evento.

Ao produzirmos enunciados fazemos escolhas lexicais. O verbo “casar”, na maioria das vezes, refere-se ao “ato de duas pessoas firmarem um compromisso, um acordo” e não ao “ato de alguém realizar um casamento” porque, no mundo extralinguístico, as pessoas “se casam” mais do que “casam”. Nos jornais, a recorrência segue essa “lei”, aliada a uma tão relevante quanto àquela: mais do que dizer quem celebrou a cerimônia, o que interessa ao leitor-consumidor é quem se casou, especialmente, se se trata de celebridades.

(29) *Cantora Nelly Furtado (SujProc) se casa secretamente no Canadá (ObjLoc)* (“Folha Online”, 19/10/2008) [título de notícia].

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

Em (30), temos um caso raro nas manchetes: uma construção média com o clítico na primeira pessoa do singular “me”.

(30) *"Me (SujAg/Proc -Top) vejo como o confidente (ObjRef)" de Obama, diz vice-presidente* (“Folha Online”, 25/01/2009) [título de notícia].

EsCo: Posição [+cont], Situação [-din]

De acordo com normas do jornal, a imparcialidade é uma característica que deve ser seguida criteriosamente. O jornal não se mostra, ele tenta mostrar os eventos do mundo sem emitir qualquer juízo de valor, na busca pela imparcialidade. Por isso, a apresentação desse evento em discurso direto.

Apesar de não considerarmos a posição do clítico como fator decisivo na caracterização da voz média clítica, em nossos dados, encontramos apenas construções médias com clítico anteposto ao verbo. Isso se explica porque, em todos os títulos, o referente é instaurado no início da frase e, de acordo com as regras gramaticais, isso atrai o clítico para perto do SN.

No PB, a construção média clítica apresenta menos impessoalidade e é extremamente não tópica. Nos dados, no entanto, constatamos que a voz média clítica é menos impessoal, mas é mais tópica, por causa da exigência dos gêneros títulos de notícia e manchete quanto à identificação do referente.

4.3.2. Voz média não clítica

Forma estrutural prototípica no PB: S (Proc) + V (processo)

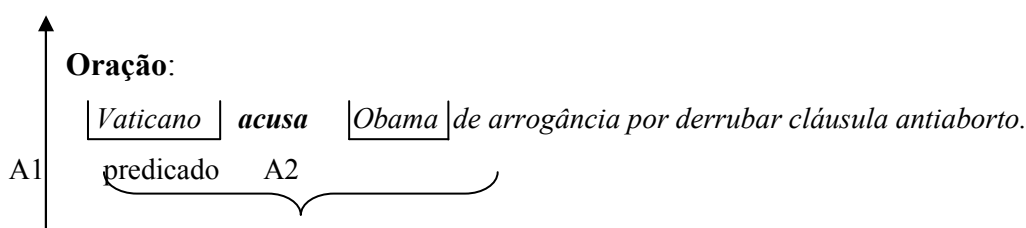
Forma estrutural prototípica nos jornais analisados: S (Proc) + V (processo) + O (Loc)

A voz média não clítica é aquela em que o verbo está na forma ativa, mas caracteriza-se semanticamente por indicar a participação do agente “de dentro” do processo verbal, ou seja, o processo parte do agente e ele mesmo é a sede do processo (BENVENISTE, 1995, p. 186). Não chega a ser voz reflexiva (média clítica) porque ele não funciona como objeto da predicação, mas como participante (de dentro) da ação.

Na construção média não clítica, foi recorrente a atribuição da função semântica Proc ao sujeito. Ele não chega a ser agente, mas recebe o processo da ação ou atividade. A compreensão semântica nos dá o esclarecimento entre a construção ativa, em (31), e a construção média não clítica, em (32).

(31) *Vaticano* (SujAg - Top) **acusa** *Obama* (ObjPac) *de arrogância por derrubar cláusula antiaborto* (Ref) (“Folha Online”, 24/01/2009) [título de notícia].

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]



Organização sintática da predicação por motivações pragmáticas

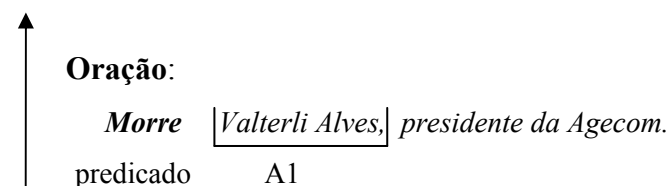
Predicação:

Presente/ind. {[**acusar** (Vaticano) (Obama) (de arrogância)] (por derrubar a cláusula antiaborto)}

Em (31), a ação de “acusar” parte do Vaticano, porém, ele está fora do processo, pois quem acusa, acusa algo ou alguém e, nesse caso, está claro que o Vaticano não acusa a si próprio, o que seria voz ativa. “Vaticano” está em destaque, mostrando que há alguém ou uma entidade que, potencialmente, pode “acusar” o presidente dos EUA; e, no mundo cristão, tudo o que o Vaticano diz tem relevância e é notícia com alto potencial de venda e de relevância informacional. Já no exemplo (32), há um caso de voz média não clítica:

(32) **Morre** *Valterli Alves* (SujProc), *presidente da Agecom* (Ref) (“O Popular”, 30/09/2008) [título de notícia].

EsCo: Estado [-cont], Situação [-din]



Organização sintática da predicação por motivações pragmáticas

A oração (32) apresenta uma construção de voz média ergativa, em que o destaque está no verbo, que aparece como primeira informação na oração. O verbo “morrer”, de acordo com Benveniste (1995), se trata de um verbo médio porque o argumento do qual parte o processo é o afetado/processado.

Além disso, “morrer” é um verbo intransitivo que, em termos de Givón (1984) pode assumir, por extensão metafórica, a função de verbo transitivo: “morreu de quê?”, “morreu onde?”. Em (33), por exemplo, o complemento locativo pode “assumir” o papel de objeto indireto:

(33) *Equipes trabalham para resgatar 19 desaparecidos; 97* (SujProc) **morrem** em Santa Catarina (ObjLoc). (“Folha Online”, 27/11/2008) [título de notícia].

EsCo: Estado [-cont], Situação [-din]

O EsCo é caracterizado como *processo* porque é [+din], há uma mudança de EsCo (de vivo para morto) e [-control].

Em (34), apresentamos outro exemplo que também se aproxima muito da construção ativa. As propriedades dessa construção mostram alto grau de transitividade, contudo, um pouco menor do que a construção média clítica:

(34) *Guilheiro e Schlittler* (SujProc - Top) **voltam** à seleção brasileira de judô (ObjDir) (“Folha Online”, 20/03/2009) [título de notícia].

EsCo: Atividade [-tel], Ação [+cont], Evento [+din]

No PB, a construção média clítica apresenta menos impessoalidade do que a construção média não clítica. Nos dados, constatamos que a voz média clítica e a média não clítica apresentam o mesmo grau de impessoalidade, já que os gêneros títulos de notícia e manchete exigem um referente identificável para cumprir sua função informativa.

4.4. Voz adjetival

Forma estrutural prototípica no PB: S (Exp) + [aux (estar) + particípio]_{SV}

Forma estrutural prototípica nos jornais selecionados: S (Exp) + [aux (estar) + particípio]_{SV}

A construção adjetival é mais estativa-resultativa (CAMACHO, 2002, p. 234). É a construção que mais dá ideia de “finalização”, de fechamento de um processo. As características comuns com a passiva são a detransitividade e a demissão do agente. Essa construção teve apenas uma ocorrência no jornal “O Popular” e quatro, no jornal “Folha Online”.

(35) *Ao menos seis países europeus* (SujExp) **estão dispostos** a receber presos (ObjRef) de *Guantánamo* (Loc) (“Folha Online”, 26/01/2009) [título de notícia].

EsCo: Posição [+cont], Situação [-din]

(36) *Apuração* (SujGo) **está encerrada** em 31 *Estados americanos* (ObjLoc) (Folha Online, 05/11/2008) [título de notícia].

EsCo: Estado [-cont], Situação [-din]

(37) *Aposentado vivo* (SujExp) **está “morto”** (“O Popular”, 13/06/2008) [título de notícia].

EsCo: Estado [-cont], Situação [-din]

4.5. Voz impessoal

As construções de voz impessoal não foram encontradas nos dados analisados, nem a forma clítica nem a forma não clítica.

Uma possível explicação para essa ausência é que a impessoalidade é a característica mais oposta às regras do jornal, que exige informações claras, objetivas, específicas e com referenciação identificável. A impessoalização além de não identificar o sujeito acionador do processo, dá um caráter generalizador ao EsCo. As informações dadas num jornal não podem ser subjetivas e impessoais. Ainda que, no título da notícia ou na manchete, não sejam mostradas todas as informações relativas ao fato, o tópico deve ser apresentado (quem ou de quem se fala); as demais

informações (pra quem, quando, como, onde, por que) podem ser apresentadas na notícia ou no *lead* da notícia.

4.4. “Está morto”, “é morto”, “morre”?

A similaridade sintático-semântica entre a construção média não clítica e a construção média não clítica ergativa, por exemplo, não implica efeitos de sentido similares. É o que ocorre também em relação às construções passivas e adjetivais, que apresentam similaridades estruturais, mas não sugerem os mesmos efeitos de sentido.

Essa distinção pode ser visível a partir do estudo dos usos do verbo “morrer”. Pelo fato de os jornais noticiarem, sobretudo, tragédias, esse verbo é muito recorrente no *corpus* especialmente em construção média não clítica ergativa, no tempo presente, como na ocorrência em (32), citada anteriormente e repetida a seguir:

(32) **Morre** Valterli Alves, presidente da Agecom (“O Popular”, 30/09/2008) [título de notícia].

No entanto, usos como o que se verifica em (38) nos levam a uma reflexão séria a respeito da relação forma e função das construções de voz no discurso analisado.

(38) *Michael Jackson **está morto**. Fisicamente. Porque, em termos artísticos, nos últimos quinze anos ele foi apenas um zumbi do qual todo mundo ria e tirava sarro. E são essas pessoas que hoje se mostram comovidas com o seu falecimento. Mundo estranho este, não? Pense nisso...* (TADEU, 2009)⁵.

- a) *Michael Jackson **é [foi] morto**.*
- b) *Michael Jackson **morre [morreu]**.*
- c) **Morre [morreu]** Michael Jackson.

A construção “Michael Jackson **é morto**” é estrutural e semanticamente diferente de “Michael Jackson **está morto**”. O verbo “morrer” já traz a carga semântica

⁵ Fragmento do artigo “Deixemos de lado as lágrimas hipócritas”, escrito por Regis Tadeu, colunista do Yahoo! Brasil, sobre a comoção mundial mostrada pela mídia após a morte do cantor Michael Jackson.

de estatividade e resultado (acabado), mas quando usado na voz passiva (38a), seja no passado ou no presente, pressupõe-se um agente causativo da morte, ainda que seja suprimido: “**é morto** por quem ou pelo o quê?”. No caso dos jornais, se essa informação não é mostrada no título da notícia ou na manchete, ela deve aparecer na notícia, mesmo que seja apenas a exposição da suposição por parte dos investigadores do caso: é morto por “atiradores”, ou “suspeitos”, ou “bandidos”, ou “erro médico”, ou “uso desordenado de medicamentos”, etc.

Na construção adjetival (38), percebemos nitidamente a noção de estatividade e de resultado, dando a ideia de uma morte não motivada por um agente. A construção adjetival é impactante porque tem traço aspectual de telicidade, traz a noção de que “tudo acabou, nada mais resta a ser feito”, especialmente, quando o verbo *aux* está no tempo presente: “está decidido”, “está vendido”, “está cortado”, “está fechado”, etc. Além disso, essa construção dá ideia de algo já esperado. A propósito, a construção adjetival foi a opção escolhida pelos telejornais “Jornal do SBT” e “Jornal Nacional” (TV Globo) para “impactar” os telespectadores, ao anunciar a morte do cantor. O “Jornal do SBT” optou por uma construção ergativa: “Quinta-feria, 25 de junho de 2009, está morto o maior cantor de música *pop* do mundo”. Já o “Jornal Nacional” apresentou a construção adjetival prototípica: “Michael Jackson **está morto**”.

O uso da construção média não clítica, em (38b), é mais frequente nos casos em que não houve um agente causativo humano, animado. Em (38b), a ênfase está no SN “Michael Jackson” e dá ideia de uma morte não “esperada” pelo interlocutor, o que suscita a pergunta “morre [morreu] de quê?” Essa foi a construção utilizada pelo jornal “Folha Online” para divulgar a morte de Michael Jackson.

Já em (38c), assim como em “Chegou uma carta para si...”, a ênfase está no verbo, o que suscita a possibilidade de o interlocutor estar “avisado” de que tal pessoa a qualquer momento poderia morrer. Nesses casos, é recorrente que o TN, como informação principal, venha em primeiro plano. O cantor se mostrava debilitado nas aparições em público e já havia noticiado que estava com uma doença grave. Somando-se a isso, o seu histórico de intervenções cirúrgicas criou a “espera do pior” em alguns leitores. Em (38c), a ênfase é dada ao verbo, de modo que não suscita nenhuma pergunta (“morreu de quê?”), pois já se “espera” a morte ou algo trágico. A construção (38c) “Morre

Michael Jackson” foi a construção escolhida pelo “O Popular” e pelo telejornal “Jornal da Record” para noticiar o falecimento do cantor.

Ainda que o jornal (impresso ou televisivo) opte por uma ou outra construção de voz para produzir um determinado efeito de sentido, ele sempre tentará responder à pergunta “morre [morreu] de quê?”, mesmo que seja por meio da apresentação das suposições dos investigadores do caso, porque entre os objetivos dos jornais está a apresentação das notícias da maneira mais completa possível.

Essas observações auxiliam a mostrar que as estruturas linguísticas estão a serviço da produção de sentidos específicos, logo, a serviço do desenvolvimento de estratégias que realizam intenções pragmáticas relevantes em determinada situação de interação, e não seria diferente com a estruturação da voz em textos do discurso jornalístico.

Considerações finais

A voz é um recurso que organiza a predicação e é uma estratégia de perspectivização do EsCo descrito em um ato discursivo. A construção de voz tem a forma do predicado verbal, mas não se restringe ao verbo: seu escopo é a predicação e a voz se organiza sintaticamente a partir de uma correção de motivações pragmáticas, via funções semânticas.

Seguindo essa concepção, propusemo-nos a analisar a organização e a funcionalidade das construções de voz no discurso jornalístico, especialmente, nos títulos de notícias e nas manchetes dos jornais “Folha Online” e “O Popular”. Recorremos às propostas teóricas de Dik (1997 [1989]), Givón (1884, 1990, 1992, 1994) e Camacho (2000, 2002), entre outros, para analisar a organização da voz, e recorreremos aos manuais de redação jornalística, para verificar as orientações para elaboração dos títulos de notícia e das manchetes, procurando as motivações das escolhas de construção de voz nesses gêneros.

Essas observações nos levaram a considerar que a norma não se sobrepõe ao uso na produção dos sentidos no texto. Mesmo com a predominância da construção ativa, como sugerem os manuais de redação jornalística, outras construções se mostraram

eficientes para atingir determinados propósitos comunicativos. A voz passiva, por exemplo, oferece a possibilidade de se enfatizar o paciente, topicalizando-o, e de se suprimir o agente, conforme seja política, ideologicamente e comercialmente relevante.

Referências

- ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. **Português: língua e literatura**. Volume único. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- BENVENISTE, È. **Problemas de lingüística geral**. Campinas: Pontes, 1995 [1966].
- BERTOQUE, L. A. D. P. **A funcionalidade das construções de voz em títulos de notícias e em manchetes de jornais impressos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Construções de voz. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (orgs.). **Gramática do português falado**. v. 8. Campinas, SP: Unicamp, 2002.
- _____. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. In: **Alfa - Revista de Lingüística**, volume 44. ISSN 0002-5216 impressa. São Paulo: UNESP, 2000.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. Volume único. São Paulo: Atual, 2003.
- DE NICOLA, José. **Português: ensino médio**. v. 2. São Paulo: Scipione, 2005.
- DIK, Simon C. **The theory of functional grammar**. 2.ed. Revisada. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 1997 [1989].
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. **Dicionário de lingüística**. Direção e coordenação geral da tradução do Prof. Dr. Izidoro Bilkstein. Trad. Frederico Pessoa de Barro et. al. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- FOLHA de São Paulo. **Novo manual de redação**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1992.
- FOLHA Online. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br>. Acesso: entre jan. 2009 e nov. 2009.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.
- _____. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- _____. **English grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992.

GIVÓN, T. & YANG Lynne. The rise of the English GET-Passive. In: FOX, Barbara; HOPPER, Paul J. (Eds.). **Voice: form and function**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 119-149.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

O POPULAR. Disponível em: <http://www.opopular.com.br>. Acesso entre jan. 2009 e nov. 2009. Versões impressas, O Popular, Goiânia, entre jan. 2009 e nov. 2009.

PERINI, Mário. A. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

Recebido em 03/12/10
Aprovado em 10/12/10